



A IGREJA DA GLORIA.

## RIO DE JANEIRO.

2.<sup>o</sup>

FASTIDIOSO seria enumerar todos os edificios que ha na capital do Brasil consagrados á religião; valia isso para portuguezes o mesmo que dizer-lhe que as suas povoações alli se veem retratadas. Demais não ha nelles tradições interessantes, nem bellezas de architectura. Entretanto não podemos deixar de acrescentar ainda ao catalogo que demos no fim do artigo antecedente a linda capella da Gloria, que se espelha na bahia, campeando erguida, e sobreahindo em promontorio elevado. É a Gloria, como dissemos, um sitio aprazivel para aquelle que, estendendo os olhos pelo horisonte até a vista topar com os erguidos pincaros da serra dos orgãos, precisa disfarçar saudosas melancholias. — É alli que a primeira imperatriz do Brasil, para sempre chorada dos brasileiros, se aprazia de ir fazer oração, e que quando em 1819 deu á luz uma primogenita, a encommendou á sua advogada dando-lhe o seu sobrenome.

Reservemos para logo os edificios civis e mais especialidades da capital, e passemos antes a fazer algumas considerações sobre o movimento da sua praça, que mudou de face desde que o seu commercio em 1808 foi declarado independente do da metropole. Os objectos de importação ingleza e franceza que abraçam todas as precisões, e parecem já destinados a crea-las, começaram logo a afluir, levando o luxo em troco dos generos indigenas, porem tudo a beneficio das alfandegas e do consulado, que constituem uma das maiores rendas do estado; e para que o leitor melhor as possa imaginar aqui lhe daremos alguns algarismos que mostram, em réis, estes rendimentos nos ultimos annos.

	Rendeu a alfandega.	Rendeu o consulado.
Em 1833 . . . .	3,283:961 \$ 629 . . . .	1,563:990 \$ 921
" 1834 . . . .	3,584:765 \$ 270 . . . .	1,425:126 \$ 023
" 1835 . . . .	3,583:024 \$ 660 . . . .	1,293:123 \$ 902
" 1836 . . . .	4,240:032 \$ 757 . . . .	1,472:657 \$ 407
" 1837 . . . .	3,987:718 \$ 716 . . . .	1,247:063 \$ 219
" 1838 . . . .	4,865:937 \$ 577 . . . .	1,610:318 \$ 687

Não serão de admirar taes renditos aos que souberem que passante de duas mil e quinhentas embar-

cações entraram e saíram neste porto em um destes annos, e que só para portos estrangeiros se despacharam em 1838 quinhentos e vinte e sete navios carregados, dos quaes só portuguezes se contam cento e dois. A natureza deste artigo não nos permite aproveitar todas as informações estatisticas que temos á vista, do que podia resultar uma arida pagina de interesse para mui poucos leitores. Não deixaremos comtudo de mencionar que neste dito anno de 1838 exportou o Rio para o estrangeiro perto de oitocentas mil saccas de café e quasi outras tantas arrobas de assucar.

Quem entra no porto o reconhece logo por bem defendido. Á chegada o manifestam antigas fortalezas da Praia-Vermelha, S. João, S. Theodosio, Praia de fóra, Cimo do Pico, e Santa Cruz. Segue-se a Lage, Boa Viagem, Ponta de Grauatá, e o forte chamado Villagalhão, por corrupção do nome de seu fundador *Villegaignon*; e a final defronte da cidade está a ilha das Cobras que tem em si uma boa fortaleza, e mais dentro S. Diogo.

Quando se desembarca por todos os lados se veem negociantes, marinheiros e pretos de trabalho que dão indicio do movimento commercial. A variedade de trajos, as diversas linguas da multidão, as cantigas dos negros de cangueiros, o apregoar dos que andam á agua e á *quitanda*, o repicar e dobrar dos sinos, o rodar das segas, e as salvas dos navios, e depois os passeios, theatros, bailes e distracções, tudo dá á cidade uma physionomia animada, que faz recordar ao viajante europeu as cidades que atravessou antes de se resolver a passar o Atlantico: serão tantos encantos que alli tanto attrahem os habitantes, pois no dizer de um sabio escriptor: — «No Rio de Janeiro ninguem trata de conhecer senão o Rio e attende-se de menos a tudo que não é o Rio.»

A praça do commercio é um dos bons edificios desta cidade; foi feita com tanta presteza que começada a 11 de Junho de 1819 se finalizou com o trabalho a 13 de Maio seguinte. Levantado sobre um rectangulo de 175 palmos de comprimento e 145 de largo compõe-se de uma grande sala de intercolumnios com dois vestibulos. Um destes deita para o mar, chegando-se a um caes depois de descer uma grande escada. O outro fica da parte opposita em frente da rua da Candellaria para onde se descem tambem alguns degraus.

A casa da misericórdia, que data dos primeiros annos da fundação da cidade, é digna de mencionar-se. Tem um hospital com boas enfermarias, no qual entraram em um dos ultimos annos proximo a cinco mil doentes; por termo medio morrem destes a quinta parte sabindo tres mil curados cada anno. Tambem ha na casa um recolhimento de orfaões, e uma roda de expostos. Nesta entraram proximo a quatro mil creanças desde o 1.º dia de 1829 até ao fim do anno passado. Trata-se hoje do arranjo de um cemiterio na ponta do Cajú, sitio arejado e sufficientemente desviado da cidade. Segundo uma carta regia de 14 de Janeiro de 1801 que Pizarro [T. 6.º p. 9] menciona, no Brasil não se devia enterrar ninguem senão em cemiterios, visto o mal que devem causar á saúde dos fieis os cadaveres sepultados em casas fechadas n'um paiz que tem calor e humidade que tanto ajudam a putrefacção.

Ha no Rio uma academia militar (\*), outra de marinha, creada pela carta regia de 4 de Dezembro de 1810, e tambem uma boa escola medico-cirurgica, e outra de bellas-artes creada pelo marquez de Marialva. Todas tem já deitado alumnos distinctos.

Ha dois theatros nacionaes não mencionando particulares. — O de S. Januario ainda o anno passado estava em muito atrazo, e era mal dirigido, pelo que podemos deduzir das engraçadas doze criticas do *Villete*. Melhor parece estar hoje o de S. Pedro de Alcantara, que se abriu desta ultima vez no dia 7 de Setembro, ultimo anniversario da independencia do Brasil proclamada no Ipiranga pelo fallecido imperador D. Pedro. Um joven poeta, o Sr. Magalhães, conhecido entre nós pelos seus *Suspiros poeticos e saudades*, dá esperanças de acompanhar no seu paiz o impulso dado á arte dramatica em Portugal. — O seu drama nacional *O Poeta e a Inquisição* teve grandes applausos.

A bibliotheca publica não chega a conter cincoenta mil volumes segundo as melhores informações. Abriu-se pela primeira vez em 1814: foi organizada dos livros que levou elrei da bibliotheca real e de outros que eram da do conde da Barca. Tem algumas edições rarissimas e varios Mss. É muito frequentada especialmente para a leitura de periodicos, dos quaes o Rio não tem falta, sendo dignos de menção entre os litterarios a *Revista trimestral de Historia e Geografia*, e a *Nacional e Estrangeira*, e entre os politicos o *Jornal do Commercio* e o *Despertador*, ambos de muito grande formato e que rivalisam em boa redacção. — A leitura de periodicos é por certo modo excessiva, e para alguns a unica, o que se torna de certo modo prejudicial antes de haver muita doutrina em que assente. « Para que as theorias periodicas utilizem, diz a este respeito o erudito Ferdinand Denis, é mister dar-lhes base, ou para melhor dizer um ponto de partida. » É á historia nacional de mais de tres seculos, [que até certa epocha será sempre tambem portugueza] é á sua corographia que Denis mais particularmente se refere, para as quaes cumpre com toda a efficacia reunir os documentos, para o que concorrerá por certo a formação recente de um instituto historico e geographico.

A imprensa já alli fôra levada no meado do seculo passado, e na typographia de Antonio da Fonseca se imprimiu em 1747 um folheto de Luiz Antonio Rosado, e logo depois os *Exames de Artilheiros*

(\*) Já por ordem de 19 de Agosto de 1738 fôra creada naquella cidade uma aula de artilheria de que foi mestre José Fernandes Pinto Alpoim, o que dez annos depois alli fez imprimir o seu *Exame de artilheiros, e o de bombeiros*.

e *Bombeiros* em 2 vol. 4.º com o local supposto de Madrid, porque naturalmente o vice-rei quiz evitar o virem os manuscriptos a licenciar á corte e perderem-se. O pouco ganho da typographia talvez a fizesse acabar. Pouco depois em 1752 se organisou alli a *Academia dos Selectos*, que teve a primeira sessão a 30 de Janeiro segundo Pizarro [V, 165]. Antes em 1735 tinha começado a *dos Felizes*, e depois em 1772 se organisou outra no vice-reinado do honrado marquez de Lavradio. Em 1786 havia alli uma Calchografia, e della saiu uma grande Carta de Roza Pinheiro.

Hoje tem muitas typographias pela maior parte de typo francez, e sufficientes aulas e collegios para a educação de ambos os sexos. O museu, situado quasi defronte do palacio do senado, foi creado pelo Sr. D. João 6.º em 1820, em memoria do que se gravou á entrada a inscripção seguinte: = *Joannes VI Rex Fidelissimus Artium Amantissimus a fundamentis crexit. An. MDCCCXX.* = Está aberto ás quintas feiras como o de Lisboa cuja instituição serviu de norma a esta. É mais rico em mineraes (\*); nos mais objectos pouco condiz com um paiz tão rico em productos da natureza. Tem tambem varias amostras de madeiras, de que possuímos um cathalogo. Em objectos de archeologia indigena era pobrissimo. — Apenas se veem algumas mumias dos tamoyos, varias armas e cocares de pennas, e não sabemos se algum *camuci* dos goainazes e coroados.

Mais de uma legua da cidade para o lado do mar fica o Jardim Botânico na lagoa de Rodrigo de Freitas. Entre os beneficios que a sua criação fez ao paiz foi sem duvida um dos maiores o da aclimatação do chá em um viveiro, no qual ha poucos annos havia perto de mil pés. Foi dalli que se levaram para S. Paulo ao marechal Arouche as primeiras sementes que entraram nesta provincia, aonde tanto tem prosperado, explicando-lhe o seu amigo que as levou os processos seguidos na capital e movendo-o á sua cultura. Neste jardim veem-se as plantas exóticas aranjadas pouco systematicamente, e nota-se ser escasso em plantas do interior.

Resta-nos ainda dar noticia de duas obras publicas da capital mais dignas de observação e demora. Tratamos do Passeio Publico que é um *baronato*, e do magnifico aqueducto da Carioca, que reservamos para outro artigo em que, fallando no largo do Palacio, descreveremos este ultimo e daremos uma estampa do chafariz. — Finalisemos com o Passeio Publico. Foi este mandado construir á borda do mar entre a ponta do Calabouço e o monte da Gloria pelo vice-rei Luiz de Vasconcellos, que tantos beneficios fez aos fluminenses. Tem varias arvores fructiferas do paiz, muitas flores, e dois tanques cada um com seu obelisco de granito no meio com as inscripções = *A saudade do Rio* = e = *Ao Amor do Publico*. = Uma cascata lhe fica fronteira da qual deitam agua dois jacarés de bronze: detraz desta fica um genio figurado em marmore, e uma tartaruga despeja agua pela boca sobre um barril feito de granito: em uma das mãos se lê a epigraphe = *Sou util inda brincando*. = Aos lados se construíram dois edificios com varias pinturas, contendo uma dellas as armadas que em diferentes epochas tinham estado naquelle magnifico porto; e na outra varias fabricas e officinas do Brasil. Pelos lados da cascata se sobe a uma varanda da qual se gosa a vista dos navios da enseada até á barra.

(Concluir se-ha.)

(\*) O principal do gabinete de mineralogia foi o comprado aos herdeiros do celebre mineralogista Papst Oheim no tempo de elrei D. João 6.º

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO.

## I

NASCEU este grande e affamado escriptor em Lisboa no anno de 1611, de familia mui nobre, por quanto pelo lado materno descendia do primeiro conde de Faro, irmão do duque de Bragança D. Fernando, que morreu degolado em Evora. Tendo estudado humanidades no collegio de St.<sup>o</sup> Antão, onde teve por mestre o historiador da Ethiopia, Balthasar Telles, seguiu a vida das armas, por morte de seu pae D. Luiz de Mello. Embarcou de 16 annos, como aventureiro, na armada que capitaneava o general D. Manuel de Menezes, mais conhecido como auctor da chronica d'elrei D. Sebastião. Parece que D. Manuel ganhou particular affeição ao moço aventureiro, e que, conhecendo-lhe extraordinario talento, com seus conselhos mais o inclinou ao estudo, o que D. Francisco Manuel pagou com usura, immortalizando nos seus escriptos a memoria do protector, amigo, e mestre. De 28 annos já o auctor dos *Apologos Dialogaes* servia de mestre de campo de um terço d'infanteria na armada de Antonio Oquendo, mandada ao canal da Mancha em 1639 contra a d'Inglaterra. Antes disso tinha servido nos Paizes Baixos, e de lá voltando a Hespanha alem de andar naquella armada militou no exercito do marquez de Los-Veles contra os Catalães revoltados. Andando na cõrte de Madrid em 1637 quando rebentou a sublevação d'Evora, tendo apenas 26 annos, o duque de Bragança, depois D. João 4.<sup>o</sup>, o encarregou por via d'Antonio Pereira, seu agente na cõrte, de apresentar a elrei de Castella e ao primeiro ministro as informações, cartas e documentos pelos quaes o governo castelhano podesse estar certo das suas intenções pacificas. Quanto D. Francisco Manuel trabalhou para se aquietar sem violencia aquella sublevação, se póde ver nas Epanaphoras e, em resumo, nos dous artigos que sobre os tumultos d'Evora publicámos a pag. 385 e 394 do 3.<sup>o</sup> volume. Acclamado em 1640 D. João 4.<sup>o</sup> e restabelecida a independencia nacional, apenas esta noticia se soube em Madrid, foi mandado prender D. Francisco Manuel que se achava servindo no exercito da Catalunha. O motivo deste procedimento, segundo affirma elle proprio, consistia em ter patenteado pouco tempo antes ao governo de Castella o estado dos animos portuguezes, e a irritação em que os tinham posto as vexações dos ministros. Solto no fim de algum tempo, passou a Hollanda. e d'ahi á patria a offerecer seus serviços. O que D. Francisco fez em proveito de Portugal desde que saiu de Castella melhor se póde ver da seguinte passagem de uma supplica que dirigiu a D. João 4.<sup>o</sup> e de que adiante faremos particular menção. A allegação de notaveis serviços, feita por tão elegante escriptor, é melhor historia, por certo, deste periodo da sua vida, que tudo o que nós poderiamos sobre isso escrever.

“Quiz-me Deus salvar a vida para empregar melhor os riscos della em serviço de V. M. a quem não tardei em offerece-la, mais que o que se tardou em me darem liberdade.”

“Soltaram-me, e não sem premio e honra, como constou a V. M. pelos despachos que puz em suas reaes mãos.”

“Acaso cuidei, ou duvidei se havia de vir logo entregar essa liberdade, que gosava, ao imperio de V. M.? Não, por certo. O primeiro fui, que, rompendo difficuldades, e deixando commodos, vim a este reino, dando assim exemplo a que viessem outros.”

“Antes de chegar a elle comecei a servir a V. M.;

pois, entrando nos estados d'Hollanda, fui alli encarregado em nome de V. M., pelo embaixador Tristão de Mendonça, do governo daquella armada, que elle lá pervinira para soccorro deste reino.”

“Governei-a, e a conduzi a Lisboa, sendo aquelle um dos maiores soccorros, que em seu porto entraram, á custa d'immenso trabalho meu, pela contrariedade dos tempos, e faltas de todos os meios necessarios.”

“Justifiquei, e assigno o animo com que vinha, só por alcançar a honra de vassallo de V. M., fazendo particular estudo de não pedir mercê alguma; porque desejava primeiro merece-las.”

“Os postos para que V. M. foi servido destinarme, por sua real grandeza se movia a fazer-me mercê delles; não por algum genero de diligencia minha.”

“Aquelles, em que todos cuidaram poderia ser empregado, se desviaram: eu, observando como podia o semblante de minha fortuna, em nenhum posto fallei jámais, e de alguns procurei humildemente escusarme; por convir assi naquelle tempo, tanto ao serviço de V. M. como á minha conservação, até que o mesmo tempo calificasse meus procedimentos, com o que, a prazer de todos, podia merecer outros logares.”

“Fui depois, em foro de soldado, servir a V. M. a Alemejo. O como servi e obrei em um anno de assistencia dirão os cabos, debaixo de cuja mão servia. Vivos são; honrados são: estou pelo que disserem.”

“No mesmo dia em que eu estava diante de um esquadrão, governando-o contra os inimigos de V. M., estava alguma pessoa [que já desta practica haverá dado a Deus conta] nesse Paço, persuadindo a V. M. me mandasse prender; porque eu sem duvida [a juizo de sua bondade] ia com animo de me passar a Castella.”

“Fundava bem esta sua suspeita em me haver eu escusado de testemunhar contra Francisco de Luceña aquillo que eu não sabia, e este tal queria por força que eu soubesse, com pena de me ter a mim, e querer que me tivesse V. M. e o mundo naquella conta em que elle tinha aquelle ministro.”

“Fui desta acção avisado, porque a practica não parou nos ouvidos de V. M. Então, por satisfação minha, tomando a ousadia da verdade, escrevi a V. M. uma carta, a que V. M., com singular clemencia foi servido de me mandar responder com outra, firmada da real mão, em 4 de Janeiro de 1642, servindo-se V. M. de honrar-me tanto que se acham nella escritas estas palavras: = Me pareceu dizer-vos que de vossos procedimentos tenho a devida satisfação, e fico certo que em tudo o mais que se offerecer de meu serviço procedereis sempre muito como deveis ás obrigações de quem sois, e á confiança que eu faço de vossa pessoa =.”

“Não houve occasião, conselho, negocio, ou confiança naquelle exercito, em que os cabos delle a não fizessem de mim mui particular. Será V. M. lembrado fui boa parte para se resolver a campanha daquelle anno, tão bem lograda como todos viram.”

“Sabem todos se não deu fórma áquelle primeiro exercito sem meus papeis, parecer, e industria. Examine-se bem quaes destas minhas acções foram simuladas. Veja-se em que faltei com a pessoa, com o juizo, e com a fazenda; e se para estes empregos se achou outro mais diligente, ou mais offerecido.”

“Serviu-se V. M., depois, de me mandar encarregar a conducção de todas as tropas rendidas por suas armas em Castella, tirando-me para este effeito do exercito, em virtude de uma sua real carta, em que

V. M., depois de considerar a importancia deste serviço, houve por bem que continuasse nesta maneira: = confiando de vós, e do amor com que me servis, procedereis nesta occasião como sempre fizestes em tudo o que se vos encarregou, [e mais abaixo] sendo certo que este serviço que ora me ides fazer, se hade avaliar em vossas pertençaes, como se fôra feito no exercito, em que com tanta satisfação minha o estaveis fazendo. "Foi esta carta escripta em Evora a 17 de Setembro de 1643.,,

"Representei eu então a V. M. as razões que havia para que V. M. me escusasse de me misturar com aquella gente; porque sem falta isto seria dar novas azas com que voasse o odio de meus inimigos.,,

"V. M. o não houve assim por bem, mandando-me responder por boca de seus ministros, podia estar seguro, que a confiança que V. M. de mim fazia se não embarçava com semelhantes calumnias.,,

"Concluido aquelle negocio, que então era não de pequeno cuidado, se deu V. M. por tão servido do modo porque nelle me houvera, que me fez mercê de me mandar escrever por carta de cinco de Outubro de 1643, o seguinte: = agradeço-vos muito o trabalho e acerto com que tendes concluido este negocio.,,

"Varias vezes me honrou V. M. mandando-me assistir em algumas juntas com os maiores ministros, sobre materias de guerra, politica e conveniencia, como se vê dos bilhetes, porque fui chamado, que em meu poder tenho. Vivos são, e ao lado de V. M. assistem alguns dos sujeitos que alli concorreram, e ouviram meus pareceres; testefiquem do zelo, e amor ao real serviço, com que sempre tratei aquellas materias.,,

"Pareceu a V. M. podia bem empregar-me a servi-lo na conducção e commodos dos soldados reformados de Flandes e Catalunha, que andavam na côrte. Mandou-m'o assim V. M. por seu real decreto de 5 de Novembro de 1642, e em muito breves dias, por minha industria, despejei a côrte de requerentes, e povoei as fronteiras de reformados.,,

"O expediente que depois se tomou sobre seus soldos, conservando-se-lhe algum á parte, eu fui o primeiro que o arbitrei a V. M., por um papel, que para isso offereci muito tempo antes que se resolvesse, e emfim se praticou, na mesma fórma que eu havia proposto.,,

"Mandou-me V. M., por decreto de 16 de Novembro de 643, recebesse em seu serviço os soldados que andavam vagos na côrte, daquellas tropas dos rendidos de Castella, das quaes por minhas diligencias desfiz mais de setecentos homens, que para o poder do inimigo não voltaram, e destes, em menos de tres dias, reconduzi uma leva a V. M. de quinhentos homens, soldados velhos, que fui remetendo aos almazens, segundo V. M. me ordenava.,,

"Não é para esquecer, nem creio que a V. M. esquecerá, que, achando-se quasi toda a nobreza deste reino na campanha de Badajoz, fui eu escolhido dos generaes para vir dar conta a V. M., de boca, dos designios, e potencia de suas armas, e receber de V. M. as ordens de como se servia ellas se empregassem em seus progressos.,,

"Estes foram, senhor, passos meus e progressos em dous annos e meio, que assisti solto na côrte e no exercito de V. M. Mande-me V. M. agora a meus emulos, que declarem quaes foram os outros porque me calumniam; quaes foram meus designios, vistos por minhas obras, ou indicados por ellas nestes seis annos de minha prisão.,,

Do extracto acima se vê quão grandes serviços fez D. Francisco Manuel á sua patria nos primeiros tem-

pos da restauração, serviços provados pelos documentos que cita, e pelo testemunho d'elrei que invoca. Vê-se tambem que o odio, concebido contra elle por alguns homens poderosos, nascêra de não querer fazer causa commum com inimigos do desgraçado Francisco de Lucena, ministro de D. João 4.<sup>o</sup>, que foi degolado como traidor, crime de que, segundo todas as probabilidades, estava innocente. Os emulos do nosso illustre escriptor vendo baldados seus enredos e calumnias para o perderem em quanto elle expunha a vida pela sagrada causa da independencia nacional, esperaram mais favoravel ensejo, o qual não tardou em apparecer.

Fôra assassinado um certo Francisco Cardoso, em consequencia de um adulterio que commettêra com a mulher de um dos matadores. Descubertos os matadores condemnaram-os á morte, e o menos culpado a galés. Durante o processo alguns dos réus deram a entender que para perpetrar aquelle assassinio tinham sido comprados por D. Francisco Manuel. As contradicções em que laboravam suas declarações, e o indiciarem tambem outras pessoas claramente alheias áquelle crime, faz accreditar que ou elles se quizeram valer de um nome illustre para por esse meio se salvarem, ou que para involver D. Francisco Manuel neste negocio se empregaram as violencias e subornos de que, conforme todas as apparencias, alguém fez uso para levar ao patibulo Francisco de Lucena.

Seguiu-se a prisão do indiciado, que em sua defeza apresentou quarenta testemunhas de crédito, invocou a razão evidente do assassinio, que fôra a affronta feita pelo morto a um dos matadores, mostrou os absurdos e contradicções que havia no monstruoso processo que se lhe formára, e para aniquilar qualquer suspeita que podesse mancha-lo pelas declarações ambiguas dos criminosos fez ver como elles em outras circumstancias do seu processo tinham sido convencidos de falsarios. Apesar disto foi condemnado na segunda instancia em degredo perpetuo para a India, e em dous mil e seiscentos cruzados de custas, somma que [segundo affirma o proprio sentenciado] não valia tudo quanto elle possuia. Appellou então D. Francisco para elrei, a quem dirigiu um memorial, que é talvez o mais eloquente arrasado escripto na lingua portugueza, e que nunca se imprimiu. Delle tirámos o pedaço que acima ficou transcripto, e outro que vamos apresentar, como um modelo de vehemencia, sentimento, e estylo, para que de caminho se veja quão rica e bella é esta nossa lingua portugueza, que para exprimir affectos nem carece de neologismos, nem de enredar-se de archaismos e de torcer-se no estylo metaphysico-barbaro dos rudes escriptores do 15.<sup>o</sup> seculo.

Havia seis annos que D. Francisco jazia preso quando este memorial foi dirigido a D. João 4.<sup>o</sup>, que passados ainda dous para tres annos, attendendo ás instantes rogativas de Luiz 13.<sup>o</sup> de França, que sobre este negocio lhe escrevêra, o mandou restituir á liberdade sem a menor condemnação, fazendo, em fim, justiça ao merito perseguido e desgraçado.

Provavelmente, depois da sua soltura, o nosso auctor recebeu a insinuação de se embarcar para o Brazil, onde a primeira sentença que teve no seu demorado processo o condemnara já a viver desterrado. Para lá partiu com effeito, e d'ahi, passados alguns tempos, regressou a Lisboa, d'onde, que nós sabemos, nunca mais tornou a sair.

Desde então viveu D. Francisco Manuel quasi exclusivamente para as letras. Durante a sua larga prisão compoz uma boa parte dos escriptos que del-

le nos restam; poucos são anteriores a esta epocha, porque envolvido na vida militar e politica pouco tempo podia dar ao estudo. Aos emulos que o perseguiram deve elle a gloria que cerca o seu nome. Se não fosse a dura e larga prisão, porventura teria gastado os seus dias no meio dos tumultos da guerra e dos enredos cortesãos. Assim os invejosos que pertendiam deprimi-lo foram aquelles mesmos que contribuíram para que lhe coubesse o que neste mundo mais prego e valia tem — o renome, e a immortalidade.

Historia, jurisprudencia, moral, politica, milicia, litteratura, tudo abrangeu o engenho perspicaz e universal deste homem extraordinario. As impressas de Leão de França, de Roma, de Londres, e de Lisboa, communicavam a um tempo ao mundo os fructos do seu saber. As pessoas mais illustres da Europa eram seus amigos; ou carteavam-se com elle. Fallava D. Francisco umas poucas de linguas com tal pureza e facilidade, que podia passar por natural de diversos paizes. Emfim nada lhe faltou senão a fortuna na vida, condição esta que quasi sempre acompanha aquelles a quem a consciencia de uma grande superioridade torna pouco proprios para mendigar valimentos, ou para a troca de vilezas comprar as riquezas e as honras, que, por certo, não são o mesmo que a honra.

Viveu celibatario D. Francisco Manuel de Mello. Morreu em Lisboa em 1666. Foi sepultado em S. José de Ribamar, d'onde provavelmente a civilização e o progresso já atiraram os seus ossos, ou para o Tejo, que fica visinho, ou para algum deposito d'immundicies que sirvam para adubar terras de pão pelo valle d'Algés, ou da Ribeira de Jamor.

(Continuar-se-ha.)

(A. H.)

#### ARCHITECTURA GREGA OU CLASSICA.

(Concluido de pag. 173.)

A ORDEM toscana foi inventada pelos romanos, que a formaram, pelo modelo da antiga dorica, com as alterações que lhe lembraram, consistindo as essenciaes nas proporções do fuste, fazendo-o mais esbelto e dando-lhe constantemente uma base.



Esta ordem toscana passa por ser a mais forte, assim como a composita pela mais elegante: em rasão da sua fortaleza é geralmente empregada para sustentar abobadas; sendo d'ordinario muito grandes os espaços entre as columnas.

A ordem composita, tambem d'origem romana, é a mais adornada de todas as cinco. Deram-lhe o nome de composita ou composta, porque foi delineada segundo varias partes da corinthia e da jonica. O capitel compõe-se de duas ordens de folhas como o corinthio sobre as quaes immediatamente estão collocadas as volutas e o ovolo do jonico; o abaco é o mesmo que no corinthio, excepto no centro que em vez da rosa tem umas folhas; e assim no entablamento ou cimalha participa d'ambas as ordens.



Esta ordem foi empregada em muitos dos esplendidos edificios de Roma.

Muitos escriptores enumeram outras ordens, q̄ mencionaremos brevemente. A attica, inventada na parte da Grecia antiga assim denominada, nada mais é que uma pequena ordem de pilastras ou columnas quadradas de certas proporções com uma cornija levantada em fórma de architrave. A

persica tem as columnas da figura d'homens que sustentam o entablamento, e procedeu de que, tendo Pausanias desbaratado os persas e lacedemonios, erigiu tropheus sobre os braços dos inimigos, passando dahi a representarem os persas nas figuras d'escravos, que sustentavam os porticos, arcadas ou casas. As caryatides tiveram origem semelhante; são meios corpos de mulheres com os braços cortados e com rico vestuario, que sustentam as architraves; emblema tambem de uma victoria; porque os habitantes de Carya no Peloponeso, tendo-se ajuntado aos persas contra os seus compatriotas, os gregos, foram desbaratados por estes, que passaram os homens daquela cidade á espada, e trouxeram as mulheres prisioneiras em acto de triumpho. A chamada ordem normanda, por outro nome saxonia, é um estilo pesado e irregular, não sujeito a regras, e que tira o seu nome dos povos que o usaram na edificação de seus templos e castellos. Emprega-se nella o arco de fórma semi-circular. A chamada ordem gothica, se podemos dar este nome ao que não tem ordem fixa, adopta as columnas ou muito pesadas ou muito delgadas, e os seus capiteis d'infinita variedade de fórmas não tem dimensões certas, e são ornados de folhas de cardos, d'acantho, e de outros diversos ornatos. A architectura mourisca ou arabe é igualmente irregular e fantasiosa.

Em toda a architectura verdadeira a tres requisitos essenciaes se ha de attender; isto é, *solidez*, *conveniencia*, e *belleza*: a primeira está na escolha de firme alicerce e de bons materiaes e na recta construção, em summa é a segurança da obra; a segunda quer dizer não só a proporção e harmonia entre as diversas partes de toda a fabrica, mas tambem a propriedade dellas para os usos a que são destinadas; a terceira consiste em dar tal fórma e regularidade, a par das condições exigidas, a todo o edificio que este appareça elegante e aprazivel á contemplação do espectador.

#### AGRICULTURA NA LOMBARDIA (\*).

A AGRICULTURA na Italia superior dirige-se segundo dois systemas, um empregado nas terras regularmente regadas por distribuição artificial das aguas, outro praticado nos districtos onde o primeiro não

(\*) A Lombardia comprehende os estados milanezes, que hoje, reunidos aos da antiga republica de Veneza, formam as possessões austriacas na Italia sob o nome de reino Lombardo-Veneziano.

se usa, e que por isso é semelhante aos methodos communs da generalidade dos povos europeus.

As terras sujeitas á irrigação artificial estão reduzidas a um nivel já calculado de maneira que dão passagem ás aguas pela superficie sem que estas fiquem estagnadas ou o terreno pantanoso: destinam-se para prados, arroz, algodão e milho, dividindo-se assim em quatro partes a cultura de cada fazenda ou casal. Os prados ceifam-se tres vezes por anno nas terras boas; e seu producto é 350 libras de 28 onças por cada *perche* de Milão, que anda por pouco mais d'um quarto do *arpent* francez (\*). O prado chamado *di Marcita*, por ser ceifado em Março é mais productivo e fica verde todo o anno, os gados que nelle se apascentam d'inverno dão mais um terço de leite do que os sustentados n'outros pastios. O *prato di Marcita* faz-se dando um nivel mais alto ao terreno e deixando-o debaixo d'agua d'Outubro a Março, tomando o cuidado d'escolher as fontes que são reconhecidas por mais calidas. Nas terras inundadas de Lodi não cultivam arroz, e occupam com pastagens dobrada porção de terreno do que nas outras partes. Aqui se faz todo o queijo chamado *parmeseño*, porque no ducado de Parma não se fabrica uma só libra delle.

Os arrozaes produzem copiosas colheitas, chegando a dar entre dez e dezeseis e ás vezes vinte sementes, e obtem bom preço, porque nem em todos os districtos se cultivam. As terras de trigo não offerecem particularidades que se notem: o milho varia muito de valor, porque sendo inteiramente consumido no paiz baixa ou sobe conforme corre o tempo para as searas: mas as terras inundadas produzem o dobro das terras ordinarias, não differindo a força productiva destas ultimas da que appresentam as de outros paizes europeus, excepto em logares onde a natureza alagadiça do chão dá colheitas extraordinarias.

Os terrenos irrigados artificialmente são arrendados a dinheiro a bons rendeiros, que apesar de não estarem bem versados nos modernos aperfeiçoamentos alcançam abundantes colheitas. O prazo ordinario d'um arrendamento é de nove annos; por esta razão e por seus meios naturaes de cultura o rendeiro tem pouco interesse em melhorar a condigão e os costumes dos trabalhadores, do que resulta que por falta ou pouco valor do trabalho os districtos das terras inundadas são mais infestados de ladrões que o restante do paiz.

As terras na Lombardia não ficam de pouzio, descançam pela alternativa de diversas produções de prados; e quando não produzem arroz ou milho dão duas colheitas por anno; antigamente a segunda era de milho miúdo ou de trigo negro, agora a maior parte dos rendeiros substituem-lhe feijões, nabos ou couves, produções que em vez de cançar melhoram o terreno. Ha tambem muitas vinhas que dão excellentes uvas, de que por ignorancia ou negligencia se não tira todo o bom partido, porque com melhor systema poderiam fornecer vinhos rivaes dos de França.

Nos cantões ou districtos não irrigados a cousa mais notavel na materia que tratámos é a criação do bicho da seda e a cultura das amoreiras. O commercio da seda e a manufactura do torçal formam o principal ramo de negocio do paiz e fazem girar o dinheiro até entre o povo miúdo. A população dos districtos não irrigados é geralmente boa, e os camponezes dahi são affeiçãoados aos proprietarios: paga-se em genero a renda das terras, isto é, por uma quantidade de trigo determinada, e as uvas, casta-

(\*) Pouco mais de 177 braças quadradas.

nhas, e casulos dos bichos da seda se repartem entre o senhorio e o rendeiro. Na Romagna, na comarca de Cremona, e n'outras provincias, todo o producto da terra é repartido da mesma maneira: esta recta partilha serve de educação, commercio e liberdade politica. A condigão dos camponezes da Italia superior é em geral mui feliz, e a sua moralidade proporcionada ao commodo do seu viver: não ha lá incendios, assassinatos, depredações nocturnas, actos de sublevação; não é preciso haver *prepositos* ou officiaes de justiça para manter a tranquillidade, que consomem a quarta parte da renda publica, como na Irlanda. O camponez desta ilha com os seis guinéus que dá por geira de terra está de muito peor condigão na partilha dos beneficios da natureza. Um vestuario esfarrapado, que mal o livra das injurias do ar, uma choça que nem o defende do vento nem da chuva, umas batatas com um pouco de sal, eis-aqui tudo o que lucra do cultivo do terreno, tudo o mais é repartido entre o governo, os dois ceros e o senhorio ausente (\*). Emquanto durar semelhante estado não poderão reinar o descanso e paz neste paiz: no estado actual as leis não servem senão de augmentar a miseria, e a educação gratuita é uma pura irrisão. Emquanto não chegar o momento da total mudança do mau systema presente, o que possuir terras nesta ilha desventurada deve reputar-se infeliz, e muitissimo mais desgraçado ainda o escravo que nasce para as agricultar.

Continuando com a Lombardia veremos que nos districtos, onde se fabrica queijo, o espaço de 12 perchas milanezas de prado póde sustentar uma vacca suissa da primeira qualidade, e o valor do leite desta corresponde a 38:400 r.<sup>s</sup> por anno. Nas montanhas do milanez se não criam cavallos de boa raça, apenas os habitantes se dão a isso nos arredores de Cremona e Mantua, porem ainda é ramo que pouco ou quasi nada prospera, seguindo-se que vai muito dinheiro para a Suissa para compra daquelles animaes.

Trabalharam tambem por introduzir os carneiros merinos na Lombardia, mas achando insufficientes os pastos na primavera e vendo o estrago que os rebanhos faziam nos chãos cultivados, os rendeiros abandonaram esta especulação. Não existiriam porem iguaes objecções nos districtos montanhosos dos estados toscanos, romanos, e de Napoles, e se os proprietarios delles attendessem a este objecto, por certo lucrariam grandes vantagens.

#### O INSIGNE CAPITÃO D. FRANCISCO D'ALMEIDA PRIMEIRO VICE-REI DA INDIA.

COROADO de triumphos voltava da India para Portugal o primeiro vice-rei que fôra della D. Francisco d'Almeida, e chegando quasi a dobrar o Cabo de Boa-Esperança soube que não levava agua bastante, e por esta causa mandou arribar ao sitio que chamam Aguada de Saldanha. Desembarcaram alguns soldados, e travando-se por leves causas com os negros da terra [que logo acudiram ao resgate] receberam algumas feridas tambem leves. De cousa de tão pouca consideração fizeram ponto de honra, e unidos com outros companheiros e alguns fidalgos foram á presença do vice-rei clamando que era bem dar-se castigo a tamanha ousadia. Poucos dias antes de partirem se havia divulgado em Cochim uma voz entre os mouros e gentios de que o vice-rei não havia de passar o Cabo de Boa-Esperança. Estes ru-

(\*) Note-se que é da obra ingleza de Lady Morgan sobre a Italia que extrahimos este artigo.

mores, posto que vãos, sempre dão algum cuidado, e por elles, e por ser a causa tão leve, contradiziam alguns capitães de juizo mais maduro a resolução de sahirem em terra. Do mesmo parecer era o vice-rei; mas taes cousas lhe disseram alguns fidalgos moços que finalmente o obrigaram a sahir: e com effeito sahiu; e ao tempo de desembarcar disse, como prevendo o imminente perigo: *Aonde levam agora estes sessenta annos?* Não podera crer-se arrojado semelhante se o não comprovara o successo. Quem dissera que um varão de tanta prudencia e experiencia, e tão cheio de annos como de acertos, e que jámais se deixou governar de alheias direcções em materias de summa importancia — quem dissera que agora se havia arrojado a uma acção tão indigna da sua auctoridade, e tão alheia dos seus annos? Sahiu enfim o vice-rei a terra com cento e cincoenta soldados em que entravam nobilissimos cavalleiros, e baralharam-se com os negros, os quaes crescidos a muito maior numero pelejavam com grandes vantagens: faziam escudo de grande numero de vaccas contra os nossos golpes, e a seu salvo empregavam os seus tiros que eram de paus tostados e ferros de arremesso, conservando-se sempre distantes em tal proporção que os nossos, armados só de espadas e lanças, lhe não podiam chegar. Acresceu ser o conflicto sobre area solta em que os nossos se não podiam revolver, e elles o faziam com summa ligeireza. Daqui nasceu o fatal estrago que padeceram os portuguezes, ficando mortos naquella, para sempre funestissimo theatro da maior desgraça, cincoenta e sete, em que entraram muitos fidalgos illustres, como foram Lourenço de Brito, que defendera o famoso sitio de Cananor; Manuel Telles, Pedro Barreto de Magalhães, e outros que perfizeram o numero de doze esforçados cavalleiros, costumados a vencer por debaixo de tiros de bombardas, e dos mais horrendos instrumentos de guerra. Mas o objecto da maior dor e da maior commiseração, foi o infeliz vice-rei, o qual atravessado pela garganta com agudo ferro, sem poder proferir palavra, levantando as mãos e os olhos ao ceu cahiu morto sobre aquella area, e nella foi pouco depois sepultado, sem as honras de mausoleus e inscripções que se devem aos varões de tão alta jerarchia. Foi D. Francisco d'Almeida filho setimo de D. Lopo d'Almeida, primeiro conde de Abrantes, e de D. Beatriz da Silva sua mulher. Militou nas guerras de Granada em tempo dos reis catholicos, com merecida fama de singular valor, e logrou as maiores estimações de um e outro principe. Ambos o receberam com extremosa singularidade de agrado na cidade de Toledo, quando elrei D. Manuel passou a Castella.

Logo que os mesmos reis souberam da morte deste insigne cavalleiro, fecharam as janellas do seu palacio, e se vestiram de dó. Em Portugal já no tempo d'elrei D. João 2.<sup>o</sup> era tão venerada a sua pessoa que houve occasião em que aquelle principe [não facil em dispensar os respeitos da magestade] o fez sentar consigo á mesa, com igual admiração e inveja dos circumstantes. Elrei D. Manuel, querendo dar reputação ao estado da Índia, o nomeou vice-rei, estando elle fóra da corte e de semelhantes pensamentos: — vendo-se aqui uma nova prova de que são mais para as occupações grandes os que menos as procuram. Passou a exercitar aquelle preeminente cargo, e obrou acções dignas de immortal memoria. Fez dura guerra aos reis de Quiloa e Mombaça; e poz a ferro e fogo uma e outra cidade: construiu a fortaleza de Angediva, e começou a de Cananor; fez tributarios os reis de Ceylão e de Bate-

calá: alcançou de gentios e mouros gloriosas victorias, entre as quaes foi famosissima a dos rumes. Foi tão desapegado de interesse que sendo-lhe concedido por elrei que no despojo de qualquer terra ou armada de inimigos, que succedesse conquistar ou vencer, pudesse reservar para si uma peça de valor de até cincoenta cruzados, nunca nas muitas que conquistou e venceu reservou para si mais que um arco, uma setta, ou cousa semelhante. Sobre tão illustres acções veio a morrer como dissemos na Aguada de Saldanha a mãos de cafres. Foi casado com D. Joanna Pereira, da qual teve a D. Lourenço de Almeida morto na batalha de Chaul, e a D. Leonor casada com Francisco de Mendonça, filho herdeiro de Pedro de Mendonça, alcaide-mor de Mourão, a qual viuva delle casou com D. Rodrigo de Mello, conde de Tentugal, primeiro marquez de Ferreira.

#### A STEATITE OU PEDRA-SABÃO.

A PEDRA-SABÃO [steatite dos mineralogicos] é um composto de silica, magnesia, alumina, oxido de ferro, agua, talco e asbesto: ha variedades della mais ou menos compactas. Serve optimamente para construir os fornos communs, as fornalhas de reverbero, as dos laboratorios chimicos, e as familiares. Póde servir para gravar, porque depois se endurece ao fogo até o ponto de admittir polido e tintas. Em Inglaterra a empregam com bom exito nas manufacturas de porcelana. Tem grande afinidade com o vidro; e serve para se pintar neste, misturada com as tintas. Usam della com preferencia os alfaiates e bordadores para riscarem e principalmente em fazendas de seda (\*). Tem a propriedade de se unir com as materias oleosas e gordurentas, e por isso entra na composição de quasi todos os bólos, com que se limpam as fazendas de laã e seda. Serve para lustrar pedras marmores, e a chamada serpentina: e misturada com azeite limpa optimamente espelhos e reverberos de metal. Couros acabados de curtir, salpicados com ella moida e humedecida, e depois de seccos esfregados com um pedaço de chifre tomam muitas vezes um lindissimo e brilhante polido. Facilita o giro das roscas, e o movimento dos eixos das maquinas de metal. Consta que os trabalhadores quando trabalham com ella soffrem grande prurido ou comichão, em consequencia de se lhes pegar á pelle o pó que se espalha: mas o remedio deste inconveniente é facil, consiste em molhar a parte da pedra em que se trabalha.

Na provincia do Rio de Janeiro, imperio do Brasil, descobriu-se uma pedreira da steatite, na fazenda ou engenho do Carmo, não a muito grande distancia da capital. *Vid. Jornal da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, no Rio de Janeiro, mez de Março de 1837 pag. 71.*

#### HUMIDADE.

HA em algumas casas quartos que, por ficarem soterrados, lhes transuda humidade e ás vezes agua para dentro, o que é causa de pouco acieo e de molestias. Ha pouco tempo que se põe em pratica para evitar um meio que, pela sua simplicidade, admira não se ter usado ha mais tempo. Consiste em forrar a parede com laminas de chumbo tão delgadas como as das caixas de chá ou dos nossos botes de rapé. Pregam-se na parede á maneira do cobre no casco dos navios, e depois póde-se pintar, ou melhor

(\*) Por isso é conhecida pelo nome de giz d'alfaiates.

forrar de papeis, sem receio de que estes se estraquem como temos visto nas paredes humidas.

#### REDES D'ARRASTAR PROHIBIDAS.

EM todos os tempos houveram aparelhos defeituosos e se fez mau uso delles. O Sr. D. João 3.<sup>o</sup>, para acautelar estes inconvenientes, já prohibiu as redes d'arrastar; e representando os pescadores de Setubal chamados *acedadeiros*, dos *acedares* com que pescavam, o detrimento que se seguia do mister de matar sardinha a que chamavam *enxaqueques*; o mesmo soberano, precedida informação do licenciado Jorge Affonso, ouvidor da casa do Mestre de Santiago e de Aviz, ouvindo os sobreditos *acedadeiros*, e os officiaes da camara, mandou por uma carta regia que não se matasse a sardinha com o dito aparelho, impondo a pena de vinte cruzados, perdimento de barcos e redes, e um anno de degredo para Africa, primeiramente aos pescadores de Setubal e depois por outra carta regia se estendeu a pena aos de Sines, Odemira, Lagos e Tavira.

O senhor rei D. Sebastião tinha mui presente que a demasiada pequenez da malha nas redes contribuia muito para a decadencia da pescaria; por esta causa concedeu aos moradores de Ponte de Lima e seu termo licença para pescar no Rio Lima saveis e lamprêas, sem embargo da lei em contrario, comtanto que usassem de redes de malha que tivesse a bitola determinada pela Camara.

Não era d'uma proporcionada bitola a malha das redes chamadas *chinzórrros*, de que usavam os pescadores de Setubal, e por isso foi prohibido por um alvará de 20 de Março de 1607 o uso deste aparelho, porque a armação delle causava grave detrimento matando os ovos e creação dos peixes. Por uma causa identica foram tambem prohibidas as redes chamadas *tartaranhas*, como consta de uma carta regia passada em 9 de Janeiro de 1615: o uso das mesmas redes foi novamente prohibido pelo alvará de 3 de Maio de 1800. — *Extracto d'uma Memoria sobre Pescarias pelo Dr. Lacerda Lobo.*

EM 1775 participou José Cezar de Menezes, governador e capitão general de Pernambuco, o seguinte facto a elrei. —

Na villa do Ceará vive em perfeito juizo André Vidal de Negreiros, com 124 annos de idade. Serviu de juiz ordinario em 1773, e exercita ainda o cargo de capitão-mor. Teve 30 filhos, 5 filhas, 33 netos, 52 bisnetos, 42 ter-netos e 24 quarto-netos. Tudo conserva em sua casa de portas a dentro com boa educação: compõe-se a sua familia de 149 pessoas fóra escravos.

Que boa colonia!

O melhor meio de conservar os melões para o inverno é colhe-los meios maduros, enxuga-los e metto-los em cinza peneirada.

OFFERECEU-SE a D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, quando o elegeram por arcebispo de Braga, certo homem de boa presença e bem trajado para seu trinchante, dizendo-lhe o fóra de seu antecessor, e como tal merecia ser preferido e acceto para o mesmo ministerio. Respondeu-lhe o arcebispo que trazia trinchantes: admirou-se o pretendente por saber a parcimonia com que se appresentára a casa do novo prelado; mas este acudindo á admiração e apontan-

do para os proprios dentes lhe disse: *amigo, em quanto estes trinchantes me durarem escuso outros; buscai vossa vida.*

MOSTRANDO com muita veneração certo cavalleiro ao P.<sup>o</sup> Fr. Antonio das Chagas, varão de virtude, umas reliquias preciosas que comsigo trazia, disse-lhe o grande mestre espiritual: *senhor, tudo é santo e bom; mas tende por certo que não ha reliquia como uma boa consciencia.*

DIZENDO-SE diante de D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso, que certo homem nescio viviria muito, respondeu: *Parecc-me, senhores, que a isso se deveria chamar durar e não viver.*

O mesmo fidalgo, auctor de varias obras metricas e em prosa, foi celebre por seus ditos agudos e maximas moraes. Dizia elle com graça, que se o tempo pagasse todas as dividas de que ficava por fiador não haveria no mundo cousa mais pobre. — E alludia ao vulgar modo de dizer — dou-vos o tempo por fiador.

Era tambem dito seu que dois poucos e dois muitos faziam depressa rico a um pobre; isto é, muita cobiça e muita diligencia; pouca vergonha e pouca consciencia.

#### BIBLIOGRAPHIA.

(Publicação d'um inédito).

ESTA' aberta a subscripção para a *Chronica da descoberta e conquista de Guiné*, pelo chronista Gomes Eannes de Azurara. Este manuscripto, precioso para a historia geral das navegações e descobrimentos, e summamente interessante para Portugal, foi achado entre os codices da mui rica bibliotheca real de Paris; e vai sahir á luz publica pela diligencia do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Visconde da Carreira, bem conhecido pelo seu amor ás lettras; o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Visconde de Santarem enriquecerá com uma introdução e notas a edição, que será um volume em 8.<sup>o</sup> maximo, impresso nitidamente, e aformoseado com o retrato do celebre infante D. Henrique, copiado fielmente de outro que acompanha o codice, e que é o unico retrato contemporaneo daquelle illustre principe.

Abstemos-nos de dar alguma noticia do chronista Azurara e desta sua obra, porque o que poderiamos dizer na materia seria reproducção do que está escripto a pag. 249 do 3.<sup>o</sup> vol, e a pag. 15 do presente vol. deste Jornal. Louvaremos porem o zelo [como em identicas circumstancias temos feito] de quem, justamente interessado pela gloria da Patria, ressuscita mais este monumento, com que provámos ao mundo que se os nossos maiores se empenhavam em descobrir e sujeitar novas regiões, tambem se não descuidavam de legar á posteridade a narração e memorias de suas proezas e trabalhos: achando-se agora patente, pela moderna publicação de muitos ineditos, o quanto era falsa a accusação, que lhes faziam, de que mais cuidadosos de obrar do que de escrever, deixaram á vaga tradição ou a pennas estranhas o encargo de relatar as acções com que se ennobreceram.

A Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, estando a findar as assignaturas de semestre deste Jornal, annuncia aos Srs., que desejarem continuar, que só tomará a renovação das assignaturas por seis mezés a findar em Dezembro do corrente anno.